

Vala Comum

O senador José Sarney resistiu durante um ano e 10 meses, mas acabou cedendo à tentação de comparar o seu ao atual governo com uma imodéstia já conhecida. Duas circunstâncias pesaram na decisão de romper o silêncio. A maior foi a queda do presidente Collor nas pesquisas de opinião. A menor foi o silêncio que o mantém à margem dos fatos. O ex-presidente se tem na mais alta conta e, aproveitando a maré baixa da popularidade presidencial, declara-se a voz mais representativa para falar em nome do Brasil no exterior.

O retorno do senador à cena política não estaria completa sem a tentativa de dar o dito por não dito antes que se produzissem os efeitos. Dito e feito: fez saber que as suas palavras no jantar em Brasília não se destinavam à publicação. Se não era essa a intenção, por que logo uma dúzia de jornalistas? É de presumir que os convidados fossem das suas relações pessoais e, no caso, não iriam desrespeitar o pedido para que não levassem a público as opiniões emitidas.

Das duas, uma: ou se esqueceu de pedir reserva ou os jornalistas entenderam que o dever profissional os impedia de manter silêncio. É difícil imaginar que, tendo sido presidente da República, um político possa reunir 12 jornalistas e emitir, reservadamente, conceitos críticos sobre o seu sucessor sem que suas opiniões cheguem ao conhecimento público.

No mérito, as opiniões do senador Sarney carecem de aspecto novo. No que lhe diz respeito, tem-se ainda na mais alta conta e antecipa o julgamento da História, sem fazer cerimônia. "Foi um governo que não fricassou", embora tenha batido todos os recordes de inflação. Ao sair, o Brasil registrava 84% de inflação mensal. Quando diz que tem procurado, com o silêncio, ajudar o seu sucessor, está sendo modesto: na verdade, ele é o maior beneficiário desse silêncio.

A falta de memória do brasileiro (que merece outro nome) não autoriza o ex-presidente a dizer que foi o comandante supremo das Forças Armadas, segundo a Constituição. Ainda não se dissipou o eco das palavras com que Sarney, com voz de general honorário, avisou os constituintes que os chefes militares não concordavam com a aprovação do sistema parlamentar de governo. Nem com o mandato de quatro anos com que queriam obsequiar-ló para aliviar as costas do cidadão.

O ex-presidente Sarney não obteve o efeito pretendido quando disse agora que o Brasil, com o seu sucessor, perdeu a rota. Realmente, o presidente Collor retirou o Brasil da rota em que bateria de frente com a hiperinflação. Era inevitável depois que a inflação chegou a 84% ao mês. A taxa não se repetiria impunemente no mês seguinte: o sucessor e o sucedido iriam juntos para a vala comum da História.